

AÇÃO DIRETA

QUINZENÁRIO ANARQUISTA

Diretor: Prof. SERAFIM PORTO

Administrador: MANOEL PERES

ANO II

Rio de Janeiro — Segunda-feira, 29 de Setembro de 1947

Preço: Cr\$ 0,50

N.º 41

LEIAM

"AÇÃO DIRETA"

Redação:
Rua Buenos Aires, 147 - A, 2.º
Rio de Janeiro

E

"A PLEBE"

Um e outro encontram-se à
venda nas bancas principais do
Rio e de S. Paulo

Figuras do Anarquismo



NICOLÁS SACCO

Sacco, como o seu companheiro Vanzetti, foi envolvido na mesma trama. Ele, que tanto pregara contra a guerra de 1914 a 1918, em que os argentinos dos Estados Unidos depois de se fartarem, como vis mercados que o são, de explorar ambas as partes em luta, foram espoliar-se no cadáver de uma das suas vítimas, caiu ruminando na terra que por mais que se queira dizer terra de liberdade, é aquela onde a escravidão negra para ser abolida, custou uma longa guerra e a vida de um de seus maiores filhos, assassinado covardemente pelas costas!

Sacco, durante os sete anos do seu longo processo, não se deixou aquebrantar um só momento, e firme caminhou para a cadeira elétrica, não desmerecendo as suas palavras:

"Meu crime, do qual estou orgulhoso, é haver sonhado com uma vida melhor, feita de fraternidade e de apóio mútuo, de ser, em uma palavra: Anarquista. Morrirei feliz em agregar o meu nome obscuro à lista gloriosa dos mártires que acreditaram na revolução social, e na redenção humana".

O Espectro da Guerra

O sr. Osvaldo Aranha, em fala à Universidade do Rio Grande do Sul, referindo-se à Organização das Nações Unidas, disse: "Ela tem a missão de manter a paz, mas nela não se acredita na vida pacífica senão em bases materiais e morais que assegurem a todos os povos possibilidades, direitos e benefícios comuns".

Isto vale por dizer que sucumbirá a paz e prevalecerá a guerra, uma vez que não é possível assegurar a todos os povos "possibilidades, direitos e benefícios comuns", sem derriuir os alicerces do próprio regime capitalista, regime que se vem mantendo a ferro e a fogo. Chega a ser irrisório o só tentar-se imaginar que um Paraguai, esse pária da América do Sul, país arruinado desde a guerra com o Brasil, possa vir a ter as mesmas possibilidades que os Estados Unidos!

Depois de haver falado, na Universidade, em possibilidades, direitos e benefícios comuns, fala, na O.N.U., em "subordinação consciente e justa dos vencidos"! E no mesmo discurso: "E' aqui que o mundo vai organizar a paz ou precipitar a guerra".

Eis aí a confissão solene. Brigam os vencedores ao repartirem os despojos. Converte-se, assim, a O.N.U., no grande taboleiro onde lutam pelo domínio do Mundo o capitalismo burguês e o capitalismo burocrático ou estatal. Toda uma assembleia gira em torno de dois astros possantes como vis satélites.

"E' aqui que o mundo vai organizar a paz ou precipitar a guerra". Realidade atroz! O espectro de guerra finca o pé na Assembleia, e não se arreda e não se arredará en-



quanto os frutos do trabalho e do gênio humanos forem instrumentos de especulações lucrativas.

Esteve ele presente à Conferência de Petrópolis, nas seguintes linhas do tratado do rio da paz: "Diver auxílio recíproco para enfrentar os ataques armados..." Ai está a sua indústria em franca atividade! Aonde leva a indústria de guerra? A' paz!! Nunca foi assim! Não será assim nunca!

A conferência de Petrópolis serviu apenas para marcar posições, em face do maior interessado — o capitalismo norteamericano.

Marshall foi a figura central da conferência. Os seus argumentos eloquentes e convincentes têm o poder dos canhões que obedecem à sua voz. Não há argumentos contra tanta eloquência...

Pelo povo nada se fez, pois, pelo povo, só ele mesmo poderá fazer, quando, saindo do seu indiferentismo, inconsciência ou comodismo suicidas, chegar a perceber que nada pode esperar do Estado, mesmo que este se enfeite com a legenda sedutora de "Pátria dos Trabalhadores". Nada se

fêz pelo povo, pelo contrário, malbaratou-se o dinheiro dele, em hospedagens e banquetes a esses eternos hipócritas de sorrisos constantes nos lábios, e de espinha sempre propensa a curvar-se, que são os representantes das nações.

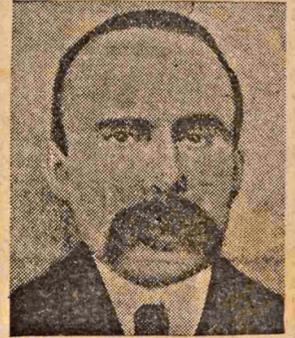
Os povos estão como que imunizados contra as grandes concepções do ideal humano de uma vida livre e digna. Tudo os contagia, tudo nêles pega. Não concebem, no entanto, que podem acabar com a guerra da maneira mais simples. Neguem-se a fazer as armas, neguem-se a servi, como aspirantes a assassinos, nas forças armadas, como fizeram os discípulos de Tolstoi, anarquista cristão, que levaram à intransigência mais sublime o não matarás, tão escarnecido pelas diversas seitas que se dizem cristãs, as quais benzem as armas fraticidas, e cantam, em seus templos, hinos guerreiros, às vezes mesmo, com músicas sacras! Nada disso será difícil, se fôr precedido de inteligente campanha.

Mas o que é que se vê com suma tristeza? No Brasil, embaixada de trabalhadores a receber o sr. Washington Luis, o mesmo que afirmou que a guerra seria um caso de nacional! Na Argentina, trabalhadores a ajudarem o mussolinico Peron a estrangular os sindicatos livres! Em Roma, trabalhadores católicos a ouvirem as imposturas do chefe de uma Igreja, que diz ser o trabalho um castigo dado por Deus ao homem, e uma multidão a desfilar, à maneira fascista, diante do renegado Togliate que aceitou a sórdida negociação havida entre o ex-Duce e o Vaticano!

Homens de boa fé, crêde menos e observai mais. Só há um caminho a seguir: — organizar o povo, dar-lhe honestamente consciência da questão social, desenvolver-lhe o amor ao trabalho, sempre dignificante, e ao estudo, e prepará-lo para ocupar as fábricas, as minas e os campos.

Homens de boa fé, no fim desse caminho mora a Paz; e o espectro da guerra é tomado como mera concepção, só digna dos povos primitivos.

Figuras do Anarquismo



BARTHOLOMEU VANZETTI

Bartholomeu Vanzetti, nascido na Itália, e ardoroso propagador das idéias anarquistas, foi envolvido, nos Estados Unidos, em um processo com o qual nada tinha que ver. Patente a sua inocência, apeliou e protestou o mundo inteiro, pela voz das mais diversas correntes e das mais notórias capacidades. Chegou o momento em que todos foram todos os esforços dos seus companheiros, pôse o mundo em tumulto. Os banqueiros, no entanto, são frios. E' da desgraça e da miséria que eles vivem. Consuma-se o fato. São 23 de Agosto de 1927. E depois de vinte anos após nova hecatombe, soam-nos, ainda, estimulando-nos, as palavras daquele que soube ser digno de si mesmo e dos ideais por que lutou:

"Eu sou e serei até o último momento, a não ser que perceba estar em erro, comunista-anarquista, porque creio que o comunismo-anárquico é a forma mais humana do contrato social; porque sei que é com a liberdade que o homem se eleva, se enobrece e se completa".

O desastre da Frota Carioca

O abaloamento e naufrágio da barca Peruana em plena baía Guanabara, no dia 7 de Setembro, caracteriza bem os processos capitalistas de exploração e desnuda o sistema de irresponsabilidade nos regimes de ordem ou de ordens.

Não nos cabe apurar culpas ou incriminar este ou aquele; cabe-nos tão somente apontar fatos reais. O mais real de todos é a morte de meio cento de pessoas confiantes nos bons propósitos de companhias a quem pagaram para transportá-las por água e, mais, confiante no Estado que superintende ou se supõe superintender os serviços públicos.

O segundo fato, bem real, é o ofício que a Companhia Frota Carioca endereçou ao comandante Valdemar de Araujo Mota, em 24 de julho passado, pedindo providências contra a Canta-

reira cujos mestres, com evidente má intenção, opunham embaraços à navegação das suas barcas.

De modo que temos mais dois fatos reais: a Companhia Cantareira opondo à Frota Carioca, sua concorrente, obstáculos ao bom desempenho das suas obrigações e o capitão do porto inerte nas providências que deveria tomar, quer dizer, o Estado, o maior, de braços cruzadinhos em sua costumeira displicência.

Ora, a reclamação da Companhia Frota Carioca não é mera alegação de concorrente, é um relato de casos explícitos com citação de testemunhas, casos onde se patenteia a toda evidência, os despropósitos da Cantareira. Entre os fatos, menciona o da lancha Gávea, no dia 22 de julho, que se interpôs no rumo da lancha Mexicana, ameaçando colisão séria. "A iminência de uma colisão, diz o ofício da Frota Carioca, ao sr. capitão do porto, provocada pela Gávea, foi de tal natureza que ocasionou viva indignação nos passageiros da lancha Mexicana..." Esses passageiros lançaram seu protesto contra o proceder do mestre da Gávea... mas, tudo em vão.

Temos, então, duas companhias rivais, uma antiga, reconhecidamente péssima, indiferente ao público a que desserve há quase um século. Outra companhia nova, naturalmente sófrega de arrancar da outra freguesia

certa. Brigam os nobres... Ante o conflito, avisado expressamente, está um serventuário do Estado, a quem cumpria pôr cõbro à desavença.

O desastre da Peruana é, por si só, prova cabal de que o sr. capitão do porto nenhuma, absolutamente nenhuma providência tomou!

A colisão prevista ocorreu e, coisa cômica, esse mesmo capitão do porto, com ares de supremo deus, de nada se penitencia; antes, vem declarar de público apenas isto: "As lanchas da Frota Carioca são verdadeiras ratoeiras!!!"

Oh! Sublime confissão! Supimpa veredito!!! Mas, venerando capitão, SO' AGORA?

Só agora Sua Suficiência diz isso? Os técnicos da marinha não viram tal cousa antes? A companhia não requereu licença? Não lhe examinaram o material? Não lho aprovaram? Não funciona ela há meses?

Mas, essa alegação do capitão do porto é mero despistamento. E' bem possível que as lanchas sejam realmente, entre os milhares de ratoeiras do Brasil, mais uma ratoeira. Entretanto, o caso não é este. O fato concreto é que foi uma a pique, abalroada por uma barca da companhia rival, fato previsto e denunciado. A lancha não teria sido ratoeira se a barca a não afundasse.

Mas, há pior. O mesmo capitão do porto declara aos jornais isto ("Diário de Notícias, 11-10-47):

"...a desorganização do tráfego marítimo na Guanabara é uma fato concreto. Todo o mundo manda, criando às vezes situações difíceis, cujos resultados são funestos... Por isso falta uma fiscalização eficiente". Quem manda? Ele explica o seguinte: "... a navegação dentro da baía está subordinada, ao mesmo tempo, aos Ministérios da Marinha, Viação e Agricultura, além da Alfândega, Polícia Marinha Mercante e Capitania dos Portos!"

Belíssima ordem capitalista.

Tudo, agora, vai melhorar, assegura o comandante. Como assim? Ele anuncia que os ministros vão reunir-se para estudar a navegação na baía!!!

Só agora? E o meio cento de mortos?

Mais ainda. O sr. capitão do porto declara que houve imprudência de ambos os mestres, o da frota e o da Cantareira.

A culpa vai cair direitinha nos menores. Nos maiores, isto é, antes de tudo, nele capitão, surdo às reclamações da Frota, nada! Na Cantareira, cujos mestres, reiteradamente, punham em perigo as lanchas, nada!

E' companhia inglesa e basta! No Estado, mantenedor da ordem na baía Guanabara, nada!

Eles, os grandes, sabem facilmente safar-se das achadas.

E vão safar-se, bonitinho, desta última como das outras, arrumando umas muitas nos mestres e atirando nos mortos as clássicas pás de cal e muitas missas para gáudio dos vigários.

E digam depois que nem todos lucraram!

João Vermelho

Palavras de W. WELLES

"Eu não compreendo como é que homens esclarecidos possam ter dúvida sobre a inocência de Sacco e Vanzetti no crime que se lhes imputa. Para mim tenho como absolutamente exato que, mau grado os sete anos de cárcere e tortura, Sacco e Vanzetti são tão inocentes quanto Julio César, que é um nome mais aplicável à hipótese. O juiz Thayer e o procurador Katzmann mancomunaram-se no interesse de eliminar os dois anarquistas por meio desse processo judiciário promovido em nome de um delito que os indicados não cometeram e no qual Thayer e Katzmann tinham a certeza de que Sacco e Vanzetti estavam perfeitamente inocentes".

Quando os oradores de comícios proletários se compraziam em afirmar, como arautos de uma vida nova, que "quem não trabalha não come", pareciam incarnar o sentimento da vingança coletiva. Era uma satisfação para os trabalhadores pensar que os improdutivos ficariam condenados à fome se não trabalhassem. Porque parecia evidentemente aos menos avisados, aos impulsivos, aos de menos reflexão, que todos os indivíduos haviam de ter forças para trabalhar. Os que não as tivessem ficariam condenados. A sociedade os eliminaria do seu seio.

Esta não é, com certeza, a boa doutrina. Fundada na igualdade do homem perante a natureza e os seus dons, a anarquia concede a todos os direitos essenciais à vida. O amparo ao inválido constituirá dever comum, e o indivíduo forte não terá meios de impôr-se para fazer que outros o mantenham, mas se ele puder viver sem prejudicar o semelhante, colhendo da terra o seu sustento pelos meios que entender, desde que não explore ou escravize outros indivíduos, pode, quando muito, viver isolado da comuni-

O principio das necessidades

P. FERREIRA DA SILVA

dade, mas sempre gozará a faculdade de viver.

Em vez da frase vingativa "quem não trabalha não come", diga-se com mais humanidade: "o pão da terra é para todos".

Deve prevalecer o principio das necessidades, tanto individuais como coletivas. Esse principio é tão imperioso, que até na actual sociedade capitalista se impõe cada vez mais. O critério estreito do patrão, que entende ser justo pagar pelo que cada um produz, cede lugar à previdente, embora ainda pouco acentuada, tendência para considerar as necessidades do indivíduo e da família.

O salário sempre gerou desigualdade, porque é desigual em si mesmo e não são os mais competentes que con-

quistam, de modo geral, a melhor parcela. Mas quando se estabelece a remuneração de acordo com o critério capitalista, cavam-se mais profundos canais de desigualdade, porque o indivíduo pode ter necessidades diferentes e o salário que a uns permite algum conforto, mal chega a outros para enganar a fome das pessoas que estão na sua dependência económica. A culpa não é de falta de capacidade de trabalho, tantas vezes maior nestes do que naqueles. O mal está na defeituosa distribuição dos meios e dos encargos.

Começa, porém, o Estado a legislar de modo bastante significativo. Ao instituir o salário-família para os servidores públicos, levou em conta o número de filhos de cada um para, com pequenas quotas suplementares, fingir

que pelo menos, quer amparar as proles numerosas. Quando se fazia a campanha da borracha, ao aliciar trabalhadores para os remotos seringais, estabeleciam-se duas espécies de salário: uma quota fixa para cada indivíduo só, e mais uma importância suplementar para cada pessoa de sua família.

Isto desmente, contraria e nem por isso destrói a férrea lei do salariato. Significa, em todo o caso, um sinal do progresso de novas concepções económicas, e não é difícil descobrir as influências da doutrina anarquista, que paradoxalmente invade as esferas estatais na elaboração de sua norma de governar. Nunca essas pequenas novidades chegarão a transformar o Estado em comuna, mas vão minando os seus alicerces e anunciam algo para o futuro.

O ensino gratuito representa outra forma de dar a cada um segundo as suas necessidades. Este principio socialista é praticado desde há muito, pelos governos burgueses, em variadas formas que os próprios conservadores não podem desmentir. O pai que tiver mais filhos beneficia-se mais da instituição de carácter coletivo, mantida pela contribuição de todos.

E bem podia esse benefício generalizar-se, porque nem só o ensino é necessário. Casa, comida e roupa, são outros elementos indispensáveis.

O pretexto de que a instrução melhora a sociedade não é exclusivo; a moradia, a alimentação e o vestuário também elevam o nível social.

Tudo isso ha de vir até nós como obrigação que a sociedade deve ao indivíduo, em troca do seu trabalho. Mesmo que venha devagar, são gotas de anarquia a pingar na consciência coletiva, sinais de evolução e promessas de igualdade. Assim como nasceu o Sol, e o homem deixa as cavernas para receber a sua luz e o seu calor.

Asqueroso o desplante do santíssimo Padre, maior católico, no seu espição do dia 8 de setembro na praça de S. Pedro.

O telégrafo não nos brindou com a falação inteira; mas, recortando aqui e ali, temos o suficiente para ajuizar, seguro, do que foi.

O Papa concita a **Ação Católica** a defender a moral cristã, seriamente abalada, ao que parece. Nós perguntamos: "E que tem feito a Igreja Católica há vinte séculos? Pois ainda não conseguiu moralizar a humanidade? Nem sequer os próprios católicos? Não são os católicos da fina flor os frequentadores de cassinos e boites, a gente do câmbio negro, os agiotas de toda laia, entre elles padres bem ordenadinhos e comedores diários de hostias bentas?"

Essa Igreja onipotente, infalível e esposa de Cristo, com dois mil anos de santa pregação, reconhece, pela boca do seu chefe, a total falência da sua obra.

Depois de abençoar a massa crente, o mitrado Pio XII deseja ardentemente a paz no mundo. Houve quem lhe chamasse campeão da paz e ele não cora com o título.

E' necessário lembrar, porém, que foi a Igreja a colaboradora número um do negregado Benito Mussolini, por ella mesma cognominado o homem da Providência. Assinou com Mussolini o tratado de Latráo, agora infamemente confirmado pela desbrida Constituinte italiana.

E que fez Mussolini com aprovação irrestrita do papado? Fez a segunda grande guerra. Mussolini militarizou a pacifica Itália e, pelo tratado de Latráo, foi entregue aos padres a assistência religiosa nos quartéis, a assistência religiosa nos três graus do ensino, na direcção mental e moral da juventude. Que pregava Mussolini? A supremacia italiana pela força, pela ameaça e, para isso, pela negação total da liberdade, pela ditadura mais excecanda da história. E o papa com elle e a Igreja benzeo espadas, galhardetes, passeando sempre ao lado de Mussolini, rindo com Mussolini, apoiando os arreganhos canibais de Mussolini.

A Igreja queria a paz? Não! queria a guerra, pois Mussolini preparava a guerra a tudo e a todos.

MOVIMENTO ANARQUISTA CUBANO

Da Associação Libertária de Cuba recebemos um manifesto, o qual exorta a classe operária daquele país a lutar pelos seguintes objetivos:

- 1.º — Por uma consciência de classe oposta ao regime capitalista.
- 2.º — Pela jornada de seis horas de trabalho para todos os setores, sem baixa de salário.
- 3.º — Por escolas de capacitação técnica e profissional em todas as indústrias.
- 4.º — Por uma Universidade operária autónoma que instrua socialmente o trabalhador.
- 5.º — Pelo afastamento da politica eleitoral do seio dos sindicatos.
- 6.º — Pela neutralização do Ministério do Trabalho nas lutas sociais.
- 7.º — Pelo livre direito à greve e ao boicote. Pela ação direta.
- 8.º — Pela adesão a um movimento obreiro internacional, não politico, nem submetido a nenhum Estado.
- 9.º — Pela reestruturação do movimento operário, sobre bases verdadeiramente industriais.
- 10.º — Pelo funcionamento federalista do movimento obreiro nacional.
- 11.º — Pela luta ativa contra todas as ditaduras.

LIVROS NOSSOS

"Em volta de uma vida" — Kropótkine Cr\$ 40,00

"Idéias absolutistas no socialismo" — Rodolfo Rocker — Cr\$ 18,00
A venda nesta Redação. Juntar mais 10% para despesas de correio.

EM BREVE APARECERÃO:
"O Anarquismo ao alcance de todos", de José Oiticica

"Sermões da Montanha", de Tomás da Fonseca



FALA O PAPA

Veio a guerra da Abissínia, injusta, cruelíssima, de atrocidade repugnante e, cousa inaudita, movida contra um povo inerme, católico! Que fez a Igreja? Que fez o papa, o infalível? Protestou? Rebelou-se? Fulminou Mussolini e seus covardíssimos generais, com sua arrastante excomunhão? Nada disso. A Igreja, subserviente, gananciosa, vilmente comprada pelo déspota irreligioso, fanfarrão e ignóbil, lá marchou também, borrifando sua água benta sobre espadas, canhões e tanques. Foi conivente com essa inominável baixeza! Quis a guerra, patrocinou a guerra, abençoou a guerra, guerra de extermínio, a gases de mostarda, contra uma nação imbele, de pobres irmãos negros. O papa não conclamou o orbe católico, não apellou para as potências cristãs, não se fez campeão, na hora azada, de uma paz justa, não se alçou à defesa heroica de uma gente evangelizada pela própria Igreja. Uniu-se ao conquistador poltrão, vinculada a um pacto sórdido, negando assim, por cupidez vil, os principios humanos que Jesus pregou. Nem sequer ouviu os lancinantes gritos da Abissínia atormentada.

Depois, o fascismo espanhol armou Franco.

Era a rebeldia armada contra um governo legal. A Igreja prega aos católicos obediência às autoridades legítimas constituídas. A revolta de Franco era um crime. Foi cuidadosamente preparado e um dos principais elementos desse preparo foi a Igreja Católica, em cujos conventos, mosteiros, casas de ensino e sacristias, a Falange espanhola depositava suas armas para o momento esperado. Supunha fácil o assalto ao poder; mas, o povo espanhol estava alerta e impediu, por atos de supremo heroísmo, a consumação imediata do atentado. Travou-se a luta, guerra de vida e morte. Conforme estava combinado, Mussolini envia regimentos italianos à Espanha para chaceinar, ao lado da Falange, a população espanhola católica. Impediu, de qualquer forma, a Igreja, pelo seu chefe, o papa, semelhante crime? Desaconselhou porventura os armadores da intentona, todos eles católicos romanos, de quererem pela guerra, apossar-se dos cargos legalmente ocupados? Nada disso! Aquela a guerra, acompanhou, com bençãos apostólicas, os expedicionários italianos, colaborou agodadamente na matança iniqua e, triunfante o banditismo organizado, segue à ilharga de Franco, divinizando sua tirania, assistindo ira-

passível ao fusilamento diário do povo espanhol, apoiando, em tudo, essa nefanda ditadura sem dó algum dos abatidos ou encarcerados.

E veio a Albânia! Mussolini invadiu-a exatamente na sexta feira da paixão, dia, parece, muito caro a papas e cardiais. Só esse horripilante sacrilégio, para os católicos, é claro, deveria ser motivo de exacerbação coletiva. A gri papal, efetivamente, gemeu de coação. Esperaram todos, é de erer, um tremendíssimo castigo, uma fulminação milagrosa do irreverente inéru, impenitente profanador da sacratíssima data. Nesse aniversário da redenção dos homens, um homem que elevava a religião do Estado, a religião do Cristo, faz soar trombetas de morte contra um povo desarmado, para trucidá-lo e tomar-lhe o território.

Esse povo apela para o papa esperando que esse papa interfira com seu prestigio para sustentar o braço assassino e sustar a invasão torpe. Mas... incrível seria que esse papa, essa Igreja ali em Roma, assessora do energúmeno duce, confessora do rei e da corte, ignorasse o assalto à Albânia, cousa de todo o mundo sabidíssima. A Igreja pacifica não interveio. O papa não profligou, com seus trovões ultrapotentes, sua excomunhão cominatória, o atrocíssimo desaforo. Acompanhou cabisbaixa os generais ineptos à sangueira e ao roubo.

Todo o orbe católico tinha com certo o brado pastoral de Sua Santidade salvando pelo menos o decóro humano com sua formal condenação do baixo atrevimento. Ouviu-se apenas um lamento vão de quem mais geme a dor da **Latráo** que se assanha contra o insulto e a insolência.

A Igreja que ajudou Mussolini, contra Franco e de mãos dadas com ambos mata, queima, esbombardeia, arrasa e rouba, alça-se agora, no biquinho dos pés, para campar, sem nenhum pudor, de grande amiga da paz!!!

Na zona **impostura** passou da marca. Há, porém, no aranzel do papa Pacelli, **papas** ainda mais **fininhas**.

Voltaremos!

JOSÉ OITICICA

AOS LEITORES

Os últimos números de "Ação Direta" saíram com certa irregularidade por motivo de imprevistos de officina, como desarranjo de máquinas e doença de Tipógrafos.

AÇÃO DIRETA

Balancete de Agosto

RECEITA — Rio de Janeiro — P. Gonçalves, 50; Ney, 200; Taboada, 200; A. Correia, 50; Esteves, 20; Meda, 50; Muratori, 10; Broodman, 20; Germinal, 400; Roberto, 296,80; Souza, 235; Costa, 100; Trigo, 200; Huche, 200; A. Silva, 60; Anônimo, 150; Samuel, 100; R. Peres, 50; Sá, 50; Vicente, 10; Amilear, 150; F. Silva, 100; Consuelo, 120; Cascardo, 50; Aparicio, 50; Oiticica, 500; Porto, 200; Garrido, 10. Produto de venda avulso nas bancas, 732,50 — Do **Rio Grande do Sul** — Pastorini, 100; J. Martins, 150; Um amigo, 100; Vergano, 30. — De **Campinas** — Pessagno, 100. — **Araçatuba-Humaita**, 50. — Total da receita 4.894,30. — Saldo de Julho, 1.069,50. — Líquido, 5.963,80.

DESPEZA — Impressão e papel dos números 39 e 40, 4.600,00; Clichés, gratificações e despesas de tipografia, 411,80; Expedição e outra correspondência a Europa e América, 108,70. — Total, 5.120,00.

Saldo para Setembro, 843,30.

Notas administrativas

Mário Franco Vegnano — Rio Grande do Sul — Recebemos os 50,00, a que demos o destino solicitado.

—:—

No balancete de Julho figura um donativo de Cr\$ 300,00, em nome de Raimundo e destinado a "Ação Direta". Trata-se de um equívoco, pois tal importância destinava-se aos refugiados espanhóis.

ELISEU RECLUS

Por um Sindicalismo Revolucionário

Algumas considerações necessárias

POR QUETZAL

As organizações centralistas desviam o proletariado da rota da emancipação humana; pois, delegando a um reduzido grupo a defesa de seus interesses, os trabalhadores cometem a mesma insensatez que o povo, em geral, quando votando em determinado político crê ter encontrado o homem que resolverá todos os problemas por mais complexos que sejam.

Os eleitos para diretores dos destinos do Sindicato, ainda quando sejam sinceros, não podem, por mais ativos e capazes que sejam, dar solução a todos os problemas da organização de que são reitores. Ademais, a organização centralista, ao depositar nas mãos de um reduzido grupo "o direito e o dever", de dar solução a todos os problemas, anula toda iniciativa individual dos demais membros do Sindicato que terão de submeter-se às decisões da diretoria sem tem o direito de intervir para orientá-la ou simplesmente opinar sobre algum problema. Acostumados a serem os únicos com voz e voto nos destinos do sindicato, os diretores vão pouco a pouco transformando-se em "ditadores e vão transformando a organização em um trampolim para resolver as suas aspirações de caráter particular ou partidista. Aferiam-se aos postos que lhe rendem o suficiente para vierem sem maiores preocupações, e são capazes de cometer as maiores infâmias para reter os cargos de dirigentes, subordinando os interesses da organização a seus próprios interesses, ou ao de algum partido no qual militam. E assim o Sindicato transforma-se em uma organização que é simplesmente um amontoado de seres sem vontade própria, que esperam sempre da providência de seus reitores a solução de problemas que só a força coletiva é capaz de resolver.

A organização de tipo centralista é portanto a anulação da vontade criadora da classe obreira.

FEDERALISMO

Para que as organizações sindicais sejam a expressão viva da vontade soberana de seus componentes é necessário que sua estrutura seja federalista. Sendo o federalismo a antítese do centralismo, lógico é que os resultados sejam também diametralmente opostos, começando por tirar todo o poder às comissões para dar-lhes um caráter puramente administrativo, não podendo as mesmas tomar resoluções que contrariem a vontade soberana das assembleias. O federalismo tem a virtude de despertar o interesse dos trabalhadores por sua organização e fazê-los compreender que a solução dos problemas, ainda os mais elementares, depende do apoio individual e coletivo de todos os membros da organização. Ao interessar-se o conjunto pelas discussões dos mais diferentes problemas, ganha a organização sindical a vitalidade de que necessita para poder enfrentar com êxito os inimigos da classe.

ASSEMBLÉIAS

A realização de assembleias deve ser uma norma orgânica e uma preocupação constante de todos os elementos do Sindicato; pelo menos uma vez por mês, deve celebrar-se uma assembleia, para que

o grêmio expresse sua opinião sobre os problemas em geral.

Se tivermos em conta que a finalidade das organizações sindicais não são apenas as de conseguir melhores salários, e sim a de preparar a classe trabalhadora, individual e coletivamente para a realização da aspiração suprema do proletariado que é a transformação da atual sociedade em uma organização social de produtores livres, veremos que é precisamente nas assembleias onde poderemos expor com mais facilidade a necessidade de uma transformação social. São as assembleias cursos de capacitação da classe trabalhadora. Tratando os operários diretamente dos assuntos que lhes são familiares, poderão ir encontrando as resoluções justas para os mesmos; ao mesmo tempo irão compreendendo que se não resolver tal ou qual problema, não é porque lhes falte capacidade e sim porque seus inimigos tratam de impedi-lo; dessa maneira compreenderão a necessidade de forjar uma arma capaz de aniquilar com o regime de injustiça no qual vivemos.

PROPAGANDA ESCRITA

Outra necessidade que têm os trabalhadores organizados é a de que cada Sindicato edite um jornal que seja a expressão do sentimento dos componentes do mesmo. O jornal deve sair pelo menos uma vez por mês. Sendo uma tribuna que é eco e portavoza da organização, deverá contribuir para o melhoramento e elevação moral, intelectual e física da classe. Publicar-se-ão de preferência as resoluções emanadas das assembleias, devendo ser excluído todo assunto de caráter puramente pessoal ou partidista, e os assuntos que não respondem aos postulados da emancipação proletária.

RESISTÊNCIA SINDICAL

Vivemos neste momento um dos períodos especialíssimos na vida das agremiações sindicais em nosso país. Centralizadas e controladas pelo Ministério do Trabalho, as organizações na atualidade nada podem realizar para atingir os fins para os quais foram organizadas. No entanto, não devemos desanimar, pelo contrário, a lição que aprendemos deve servir-nos como uma experiência viva, e nossa máxima preocupação nesse momento deve ser a de organizar grupos de Resistência Sindical, procurando atrair o maior número possível de trabalhadores para os grupos, criando assim as bases de nova estrutura sindical. Quando esses grupos contarem com um número suficiente de aderentes, deverão publicar por conta própria um jornal de oposição sindical que trate de esclarecer todos os problemas específicos da classe que representa. A importância de um jornal dessa categoria é incalculável, pois os trabalhadores lêem, de preferência, um jornal editado por membros de sua própria coletividade, e que trate de assuntos que lhes são familiares.

Dessa maneira poderemos ir preparando o caminho para que num futuro próximo possamos arrancar das mãos do Ministério os sindicatos, ou adquirir o direito de construir novas organizações que representem na realidade as aspirações emancipadoras do proletariado militante.

NÃO
APOIADO!
PELO
DR SATAN



"Só pela oração, pelo sacrifício, pela fé e pela caridade evangélica, pode o ser humano resgatar-se da pena do pecado original, imposta ao homem sob a forma do trabalho". — sentencia um monsenhor qualquer no órgão do vaticano indígena.

O trabalho, que é a mais alta virtude do homem, que é toda a força toda a grandeza, toda a independência, toda a riqueza e toda a felicidade e glória dos homens, convertido em pena infamante, deprimido, envenenado, tornado desprezível e odiado, quando devia ser dignificado, exaltado, glorificado, por um deus sábio e uma igreja que não fosse abjeta! Por isso, vós, padres, que como representantes de deus na terra, vos julgais eximidos da "pena do pecado original", não quereis trabalhar.

"Faz hoje mais um ano que morreram, na cadeira elétrica, os nossos camaradas Sacco e Vanzetti, os dois comunistas italianos assassinados friamente pela justiça histórica do capitalismo norte-americano" — recorda o órgão do extinto Partido Comunista.

Estais equivocados, se é que não falseais conscientemente a verdade: Sacco e Vanzetti nunca foram vossos camaradas, pois sempre combateram o Estado, esse Moloch sinistro, guardião do capitalismo (privado ou estatal, não importa), a quem venerais. Esse Moloch eternamente sanguiscedento, que assassinou friamente, na Dólarolândia, os dois anarquistas italianos, é o mesmo que assassinou, com igual frieza, tantas centenas de anarquistas na Soviécia, e continua assassinando anarquistas na Bulgária ocupada pelo Partido Comunista. Até nisto vos pareceis aos jesuítas, que também chamam seu correligionário a Jesus e a Francisco de Assis.

"A maior crise dos nossos tempos é a de obediência" — diagnostica o órgão da Companhia de Jesus.

A obediência, que sempre foi apontada pelos jesuítas como a virtude magna, não é outra coisa que anulação da inteligência, anulação da razão, anulação da vontade, anulação do saber, numa palavra, anulação do indivíduo, perante o capricho do superior divinizado.

"Os comunistas querem destruir tudo" — denuncia, alarmado, o órgão do sr. Roberto Marinho.

Os comunistas não querem destruir nada. No fundo o que lhes interessa é apenas mudar os nomes e os donos das cousas. Os únicos que, na realidade, querem destruir toda a estrutura da sociedade capitalista para construir um mundo novo, socialista — são os anarquistas. Mas o sr. Marinho, sempre ocupado com a equitação, nunca teve tempo para estudar um pouco de sociologia. O resultado é este: fazer, sem o saber, nem o querer, a propaganda do comunismo, apresentando-o falsamente ao povo como uma doutrina revolucionária. Esperemos que Staline o condecore.

"O militarismo, tão denegrido pelos agitadores disfarçados de pacifistas, constitui um fator de progresso" — assevera o órgão integralista.

Só um cérebro acanhado ou uma cabeça que só sirva para trazer o chapéu, como a vossa, é que pode defender o torvo militarismo incendiário e assassino.

"O órgão de Salazar e de Getúlio!" — explode a "Vanguarda Socialista" contra um jornal que se amamenta na teta da pieguice patriótica dos comandadores de Salazar.

Ora, camaradas, não vale perder tempo com essa folheia. Trata-se de um jornal que ninguém lê, senão às escuras e com um olho só.

"Paz! Oponhamo-nos à guerra! Lutemos pela paz!" — esfalfa-se a gritar um jornal conservador, que à última hora decidiu abraçar ruidosamente o ideal pacifista.

Não poderá haver paz enquanto o mundo estiver entregue aos abutres, que são os militares; às raposas, que são os políticos; aos morecos e toupeiras, que são os padres; e às corujas e aos mochos, que são os diplomatas, que caçam na escuridão dos povos. Todos estes prégadores de patriotismo são os que fabricam as chacinas chamadas guerras.

"A traição de Ademar de Barros!" — lê-se, em grandes parangonas, no órgão nazisoviético indígena.

Não, Ademar de Barros, não atraioou ninguém. Ele está, embora manhosa-mente faça, às vezes, crer o contrário, onde sempre esteve: ao lado da classe burguesa, da qual faz parte; do militarismo, do clericalismo — da Reação, numa palavra. Os traidores sois vós, que atraioastes o proletariado, levando-o, por maus caminhos, a votar num inimigo da classe operária, fazendo crer a esta que a sua emancipação, a sua carta-de-alforria, lhe pode ser concedida por um político qualquer, que é sempre igual a qualquer outro político. Traidores sois vós, filhos espúrios de Karl Marx, que levastes os trabalhadores, a quem seduzistes com enganosas promessas, a esquecer o lema da I.ª A. I. T.: "A emancipação dos trabalhadores há-de ser obra dos próprios trabalhadores!"

Carta escrita por SACCO e VANZETTI

Caros amigos e companheiros da junta de defesa: Se nenhuma intervenção se der, para suspensão da sentença por parte do governador Fuller ou de qualquer juiz do Tribunal Federal dos Estados Unidos, logo depois da meia noite deveremos morrer na cadeira elétrica. Já não temos nenhuma esperança. Esta manhã, o nosso bravo amigo e defensor, Miguel Angelo Musmanno, esteve aqui e assegurou-nos que voltaria à tarde, se tivesse tempo. Também Rosa e Luisa vieram de manhã visitar-nos, prometendo igualmente voltar à tarde, mas já são 5,30 e ninguém tornou.

Quer dizer isso que não há notícia boa para nós, pois, se houvesse, algum de vós correria a trazê-la. Além disso, estamos certíssimos de que todos os vossos esforços faliram e que estais fazendo as últimas desesperadas e vãs tentativas para impedir nossa execução. Em uma palavra: estamos perdidos.

Por isso resolvemos escrever esta carta para exprimir o nosso reconhecimento e admiração a tudo o que fizeste em nossa defesa nestes sete anos, três meses e dezesseis dias de luta.

O fato de havermos perdido e devermos morrer não diminui, em cada, a nossa atitude e o nosso aprêo à vossa comovente solidariedade para conosco e nossa família.

Amigos e companheiros: agora que a tragédia deste processo chega ao desfêcho, unamos nossos corações num só. Só dois de nós morrerão. Nossas idéias, as vossas, companheiros, viverão no cérebro de milhões de homens. Elas venceram, elas não se sumiram. Fazei dos nossos sofrimentos, das nossas dores, dos nossos erros, das nossas derrotas, das nossas paixões, um tesouro para as futuras batalhas e para a emancipação final. Sêde todos vós unidos nesta hora, a mais torva da nossa tragédia. Tende coragem! Saudai os amigos e companheiros de todo o mundo.

Abraçamos a todos e vos damos o último adeus, com a alma despedaçada, mas cheia de amor.

Agora e sempre: Viva a Liberdade! Viva a Anarquia!

Convosco na vida e na morte,

Bartholomeu Vanzetti

Nicolas Sacco.

A. I. T.



O anarquismo através do mundo

BULGÁRIA — Depois da Espanha e da Suécia, é o país onde o anarquismo penetrou mais fundo no coração dos trabalhadores. Atualmente o proletariado búlgaro sofre cruel perseguição dos agentes de Staline, que dominam no terreno político, o que não impediu que a C. T. B. (Confederação dos Trabalhadores Búlgaros), de orientação genuinamente libertária, celebrasse uma reunião plenária, na qual foi aprovada a sua adesão incondicional à A. I. T. (Associação Internacional dos Trabalhadores).

FRANÇA — Depois da guerra e para substituir a antiga C. G. T. S. R. (Confederação Geral do Trabalho Sindicalista Revolucionária) — foi fundada a C. N. T. (Confederação Nacional do Trabalho), que segue os mesmos princípios e táticas da sua irmã da Espanha. Dia a dia, aumenta o seu prestígio, principalmente em Toulouse, Lion, Perpignan e toda a zona compreendida na chamada Costa Azul e no Meio-Dia da França.

Os trabalhadores começam a compreender, finalmente, como estavam equivocados seguindo a orientação política do Partido Comunista, que nada tem feito no terreno prático para dar solução aos seus graves problemas. Nosso abraço fraternal aos camaradas da França, que tão brilhantemente ajudam os seus irmãos da Espanha na luta contra a tirania Franco-Falangista.

PORTUGAL — Como no interior da Espanha, os militantes anarquistas continuam a sua luta pela liberdade, sem que consiga deter a sua obra fecunda a repressão exercida pelo sinistro jesuíta Olivera Salazar. A Batalha, órgão da gloriosa Confederação Geral do Trabalho, continua a circular clandestinamente, levando a todo o mundo o clamor de revolta dos trabalhadores lusitanos, que, como os seus irmãos da Espanha, aguardam o momento oportuno para porem fim à odiosa ditadura que os oprime.

SUÉCIA — Existe neste país o movimento proletário mais potente da Europa, já que é orientado pelas táticas de ação direta, seguindo no terreno ideológico os princípios fundamentais da Primeira Internacional. A organização sueca segue os mesmos roteiros da C. N. T. da Espanha, e todos os sindicatos do país, sem exceção, estão filiados nela. Esta potente organização pertence à A. I. T., da qual é, neste momento, o mais sólido baluarte. Tão potente e prestigiosa é a organização da Suécia, que é justamente lá que funciona atualmente o Comitê Internacional da Associação Internacional dos Trabalhadores.

NORUEGA — Politicamente, a Noruega é um país de tradição liberal e socialista e, tendo um proletariado que ama profundamente a liberdade, o núcleo da A. I. T., lá constituído, exerce já poderosa influência na organização operária.

O PADRE E O ANARQUISTA

Num trem de S. Paulo ao Rio, viajava em um vagão de 2.ª classe, um velho pedreiro com as suas vestes salpicadas de cal. No mesmo banco, quase junto ao pedreiro, seguia igualmente um padre missionário. Para se distrair da monotonia da viagem o velho pedreiro tirou do bolso o jornal "A Plebe" e se consagrou atentamente à sua leitura. A certa altura, foi interrompido pelo padre, que lhe perguntou de chofre:

— Diga-me, o senhor é anarquista?

— Com muita honra! — respondeu-lhe o pedreiro.

— Poderá, então, dizer-me a distância que vai de um anarquista a um malfeitor?

O pedreiro, muito calmamente, tirou do bolso o metro que fazia parte de sua ferramenta e, medindo a distância que o separava do padre, respondeu-lhe:

— Vinte centímetros, reverendo.

A Espanha que sofre e luta pela Liberdade

MANUEL PEREZ

O povo espanhol continua sofrendo a brutal tirania Franco-Falangista, já que o Caudillo fatídico continua no poder, porque isto convém aos interesses do imperialismo anglo-americano, cujos chefes temem que, derrotado Franco, o proletariado ibérico continue a obra de transformação social iniciada em Julho de 1936.

As prisões, os conselhos de guerra e os fusilamentos prosseguem diariamente, sem que das chamadas **nações democráticas** surja o menor movimento de protesto para pôr fim a tanta crueldade.

As últimas notícias recebidas da França e do interior da Espanha são terríveis, despertando em nossos corações um sentimento de profunda revolta. Vejamos:

Burgos — Procedentes de distintas prisões da Espanha foram concentrados nesta cidade 70 presos políticos condenados a 30 anos de trabalho forçado, os quais serão enviados às terras inhóspitas de Fernando Pó (Guiné Espanhola), de onde dificilmente voltarão.

Pamplona — Nos últimos dias de Agosto foram presos nesta cidade, os jovens Irigoyen, Arrazate, Muguerza, Espeleta e Aramburu, este último secretário das Juventudes Católicas de Navarra. Estes jovens, depois de interrogados e maltratados brutal-

mente pelos falangistas, ingressaram na Prisão Central de Pamplona.

Guipúzco — Em Fuentearria foram presos e enviados à terrível prisão de Ondarreta, em San Sebastian, Florentino Olascoaga, Juan Oronoz e José Maera, acusados de conspirarem contra o regime franquista e que certamente serão submetidos a Conselho de Guerra.

Madrid — Nesta cidade foram celebrados, durante Agosto, vários conselhos de guerra, sendo condenados a pena de morte cinco jovens acusados de atividades terroristas e vários outros a penas que variam de 20 a 30 anos de prisão.

Corunha — Foram julgados por um Conselho de Guerra 56 antifranquistas, 6 dos quais condenados a pena de morte e os 50 restantes a penas que oscilam entre 6, 10, 20 e 30 anos de prisão celular.

A TRAGÉDIA DE CÁDIZ — coisa sem importância...

A terrível explosão que destruiu

grande parte da histórica cidade de Cádiz não é obra da fatalidade, como afirma a maioria da imprensa; é mais um crime do regime cruel que oprime o heróico e generoso povo espanhol. Eu, que permaneci na cidade de Cádiz durante mais de um ano, e residia justamente num dos bairros destruídos pela hecatombe — San Severino — conheço perfeitamente o local onde estavam instaladas as Fábricas de Torpedos e a de Produtos Químicos Larrinaga.

Uma e outra encontravam-se em lugares habitados por gente pobre e circundadas por ruas bastante populosas, e, o que é pior, nas zonas próximas a ambas fábricas existiam hospitais, orfanatos e asilos, como igualmente a Maternidade destinada a mulheres pobres. Em 1935, a Fábrica de Torpedos não funcionava, por imposição das organizações proletárias, que denunciaram o perigo que ela representava para a vida da população.

O franquismo, que hoje infelicitava a Espanha, não só pôs em funciona-

mento a Fábrica de Torpedos, como aumentou a produção da mesma, onde, sem ter em conta a vida de toda uma população, eram construídas minas explosivas, das quais, como afirmam as notícias chegadas de Cádiz, explodiram mais de 500.

A imprensa franquista oculta a verdade sobre a extensão da tragédia, e nós, com notícias fidedignas, podemos afirmar que ela causou a morte a 1.200 pessoas e ferimentos de gravidade a mais de 7.000.

Mais um crime que cai sobre a consciência do fatídico Franco, se é que esse monstro teve, alguma vez, consciência!

A MORTE DO TOUREIRO MANOLETE, "DESGRAÇA NACIONAL"...

Dias após a horrível tragédia de Cádiz, o famoso toureiro Manuel Rodríguez ("Manolete"), considerado como o maior "artista" do mundo na "arte" de fazer sofrer e matar tou-

ros, perdia a vida ferido por um cornúpeto no redondel de Linares. Dizem as notícias, que "Manolete" foi atingido pelo touro, depois de tê-lo ferido de morte com a espada, e que ambos, qual autênticos gladiadores, caíram ao mesmo tempo sobre a arena do circo.

Pobre "Manolete"! Se a tua espada, em vez de atingir o touro, que nenhum mal te fizera para que tão cruelmente martirizasses, penetrasse profundamente no coração de Franco, terias contribuído com esse heroísmo para a libertação da Espanha, e as mães espanholas te levantariam um monumento no mais profundo das suas almas.

Mas Franco, como insulto aos milhares de homens que fez fusilar pelas hordas da Falange, aos que, dias antes, tombaram para sempre na tragédia gaditana, e às mães e esposas que choram sobre as ruínas dos seus lares, declara que a morte de "Manolete" é uma "desgraça nacional" e coloca sobre o peito do cadáver a Cruz da Beneficência...

Esta é a moral do fascismo... E o fascismo continua dominando o mundo, porque as democracias são covardes, e, mais do que isso, aliadas do próprio fascismo.

Afirmam os democratas que na democracia política impera a vontade do povo cristalizada no sufrágio universal. Na democracia, dizem, não está sujeito o povo ao arbítrio de um autocrata ou de uma casta usurpante. A vontade geral é decidida pela maioria eleitoral. Esse sufrágio universal cria o direito de preponderar a vontade da maioria sobre a da minoria.

Mas, não há razão alguma de supor que no maior número se acha sempre a inteligência e a sabedoria. Os fatos demonstram claramente o contrário.

Que é maioria? Metade do povo mais um. A outra metade menos um, a minoria, tem de cumprir leis que não fez e lhe são quase sempre prejudiciais. Logo, democracia quer dizer: opressão de uma parte do povo pela outra. A parte oprimida só tem o direito de criticar os seus adversários. A isto chamamos **liberdade de palavra**. O ideal dos democratas é a soberania impessoal, isto é, a autoridade, o direito.

Que é direito? Dizem que é o útil a cada um. Mas, o direito de escravizar e explorar o próximo nunca pode ser considerado útil pelo explorado; ele deve sentir tal direito como injusta. Portanto, o direito atribuído à maioria e que subordina metade do povo aos ditames do outro, não é senão autoridade. Nem sempre autoridade pressupõe pessoa ou instituição. São autoridades poderosas abstrações, como "dever", "obediência à lei", "patriotismo", "religião", etc. Junto ao direito, pois, marcha sempre a injustiça e a submissão.

Liberdade democrática não significa, de modo algum, autodeterminação do indivíduo e, por isso, é liberdade negativa. Indivíduo livre é só aquele que, perante os outros, não é responsável. Assim, liberdade política é só uma parte da democracia verdadeira. Perde todo seu valor por não realizar a liberdade econômica. Uma sociedade sem esta liberdade não é democracia. Uma sociedade que sustenta instituições autoritárias, quais o militarismo e o burocratismo, não é democracia. Uma sociedade que assenta no interesse absoluto do Estado, não é democracia. Um país onde grande número de indivíduos é explorado e administrado opostamente à sua vontade não é democracia. Tão real e seguro se apresenta o poderio da democracia política, tão irreal e fraca é sua posição moral. A democracia política, nesses termos, é capaz de enforcar criminosos de guerra e expropriar bens de particulares, mas é inca-

DEMOCRACIA E LIBERDADE

Por GERMINAL

paz de aplicar medidas à sua própria política, antagônica, em princípio, às da ditadura.

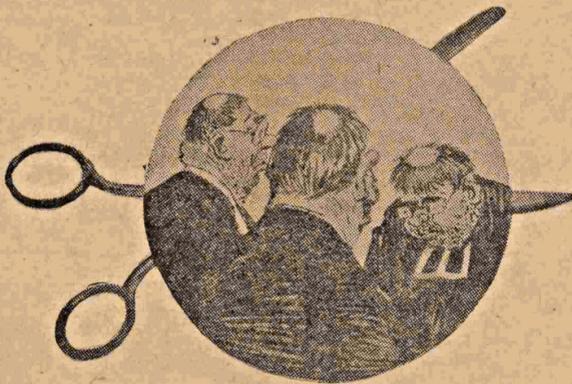
A democracia política está pronta a ocupar militarmente grandes países, mas não consegue dar ao povo suficiente liberdade positiva. Identicamente, deporta homens como animais e é impotente para assentar a paz fora do militarismo. Essa pseudo-democracia prega ao povo lindos ideais políticos, mas não realiza um só princípio aligerado em tais ideais.

A democracia verdadeira só será possível quando a democracia política de tal maneira se modifique que o indivíduo seja o escopo da cultura e da civilização, isto é, quando já não

Como se faz um monstro

GUERRA JUNQUEIRO

Como ninguém ignora, os sórdidos palhaços Compram, roubam às mães as loiras criancinhas, Torcem-lhes o pescoço, as mãos, os pés, os braços, Transformam-lhes num junco elástico as espinhas, E exibem-nas depois nos paleos das barracas, Dando saltos mortais e devorando faces, Ante o espanto inebel da ingênua multidão; E, para lhes cobrir a lizez plangente, Costumam-lhes pintar carnavalescamente, Na face de alvaiade, um rir de vermelhão. Também o jesuitismo, hipérita-romano, Palhaço clerical, anda pelos caminhos A comprar, a furtar, assim como um cigano, As crianças às mães os rouxinóis nos ninhos. Vão levá-las depois ao negro seminário, Às terríveis galés, ao sacro matadouro, E escondem-nas da luz, assim como o usurário Esconde também dela os seus punhados d'oiro. Dentro da estupidez e da superstição, Casamata da fé, guardam-lhes a razão, A análise, esse forte e generoso fluido,



Que, andando em liberdade, ao mínimo descuido, Poderia estoirar, com trágica explosão. O que o palhaço faz ao corpo da criança Fazem-lhe à alma, até que dela reste, enfim, Em lugar do histrião que nas barracas dança, O pobre missionário, o inútil manequim, O histrião que nos prega a bemaaventurança A murros de missal e a roncos de latim. As almas infantis são brandas como a neve, São pérolas de leite em urnas virginais: Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve, Cristaliza em seguida e não se apaga mais. Desta forma, consegue o astucioso clero Transformar, de repente, uma criança loira Num pássaro noturno estúpido e sincero. E' abrir-lhe na cabeça a golpe de tesoura A marca industrial do fabricante — um zero!

(De "A Velhice do Padre Eterno".)

esteja subordinado ao poder do Estado e da economia capitalista.

A afirmação de que a democracia política é desejo da maioria popular é pura mentira. O desejo verdadeiro do povo é a liberdade positiva. Esse desejo pode ser oprimido, pode até desaparecer de todo na consciência do indivíduo; porém, mesmo assim, não cessa ele de ser força ativa. Esse íntimo desejo revela sua presença por meio do ódio, consciente ou inconsciente, a toda mostra de opressão. E essa opressão existe na democracia política.

O problema urgente da democracia atual é o de resolver a libertação do indivíduo, das forças sociais e econômicas, a fim de que seja ele o dono dessas forças se não seu escravo.

Insistimos sempre no aspecto psicológico da liberdade, mas sabemos que o problema psicológico não se pode separar da estrutura econômica. Dessa compreensão resulta que a realização da liberdade positiva depende da modificação profunda do processo econômico, de tal modo que possibilite ao indivíduo sua completa autolibertação.

Chama-se a essa nova sociedade, a essa nova estrutura, **federação libertária** ou **melhor anarquia**, e à doutrina que a formula, **socialismo libertário** ou, antes, **anarquismo**.

Anarquia é o regime do alargamento máximo da liberdade, junto à espontaneidade e ampla iniciativa do indivíduo, não só nos seus assomos espirituais, ou mentais, como ainda, sobretudo, no seu trabalho. Livre o homem de toda coação, asseguradas automaticamente estarão a paz e a fartura, pois não haverá conflitos por privilégios ou supremacias econômicas.

Em lugar da desorientada economia capitalista, deve surgir a economia anarquista, a da produção e consumo livremente instituída pela cooperação comum. Condição essencial para isso é a eliminação completa de qualquer grupo explorador, que impunemente, sem nenhuma responsabilidade, exercem a maior compressão política e financeira sobre homens cujos destinos ficam à mercê das suas resoluções egoístas.

Pleiteamos a abolição de qualquer forma de poder organizado, com leis impostas por violência; logo, pregamos a extinção do Estado, ou seja, parlamento, exércitos, polícias, justiças, toda e qualquer instituição dotada de meios coercitivos.

Tal o ideal anarquista a que chamamos: **liberdade positiva**.

Proteção aos Índios

Por HERCULANUM

Uma revista desta Capital publicou várias sensacionais reportagens sobre os selvícolas, com fotografias, apresentando aqueles homens e mulheres livres à cupidez da gente civilizada.

Não vemos absolutamente vantagem alguma, de qualquer natureza, nessa aproximação que o Governo, por intermédio do Serviço de "Proteção" aos Índios, está promovendo com os nossos selvagens. Ao contrário eles só poderão ser prejudicados no contacto com os brancos.

Nas selvas, despreocupadamente, sem Deus, sem Estado e sem dinheiro; nas selvas, onde não há banquetes demagógicos nem trapaça de algodão; onde não há políticos nem padres, nem soldados, nem negociastas; onde não há prisões ou leis de segurança; onde todos são descamisados, no duro; lá, os selvagens são mais sadios e mais humanos; são mais felizes e, sobretudo, mais livres do que nós.

Que deseja o Governo daquele punhado de criaturas que ainda não conhecem a tuberculose, a sífilis, a lei-de-segurança e o imposto sobre a renda? Poderá o Estado levar até suas choças os confortos da nossa "supercivilização"? E, se puder, que confortos serão esses, se os que estamos aqui nada recebemos, exceto humilhações e desenganos e restrições à liberdade?

Não cremos, positivamente não cremos, que sejam oferecidos aos índios melhores quinhões do que estes que nos dá esta ordem de cousas, cada, na qual proliferam, como cogumelos rotundos e sorridentes, charuto na boca, os espertalhões e exploradores, os "pais-dos-pobres", os "marmiteiros" e, ultimamente, os "descamisados", estes coitadinhos, que, não tendo camisa, viajam, contudo, de avião e ostentam riquíssimos solitários.

Soubessem eles, os nossos indígenas, de certeza certa, qual o quinhão que lhes está reservado, procurariam evitar, a qualquer preço, essa proteção, esses contactos com o elemento civilizador, ou melhor, com os representantes do Estado, cujo único fito, sem dúvida alguma, é aumentar o número de escravos e infelizes sobre a Terra!

Dr. Campos da Paz

Não nos foi indiferente a morte do dr. Campos da Paz. Nós sabíamos filho estremo, pai amigo e amigo dos bons e dos humildes. Se desafetos os teve, é que não o compreendiam ou eram maus. Generosamente atendia, em seu consultório, a quantos precisassem dos seus serviços de médico: receitava, operava, dava remédio e, muitas vezes, até dinheiro.

Fez parte da Aliança Nacional Libertadora e foi seu presidente na ilegalidade. Estava preso com Prestes, quando a polícia foi arrancar, à cadeia, a companheira deste, que se encontrava em adiantado estado de gravidez, para entregá-la à Gestapo. Enérgicamente Campos da Paz protestou contra aquele crime revoltante.

Quando se afrouxaram os tentáculos da ditadura, mostrou-se contrário à formação do Partido Comunista, por ser de opinião, que se devia formar um movimento amplo, sem sectarismo, que pudesse receber em seu seio a quantos resistiram ao fascismo, pois era preciso continuar na luta contra este.

Embora discordantes no terreno das táticas a seguir para atingirmos o objetivo comum — a libertação da humanidade — lamentamos sinceramente a morte do dr. Campos da Paz, porque ele viveu e morreu idealista, porque ele foi um homem bom, sincero, desinteressadamente revolucionário.

Um apêlo aos camaradas e simpatizantes

Com a modificação do aspeto gráfico, o aumento de tiragem e outras melhorias que se impunham no nosso jornal, criámos, como se compreende, um aumento apreciável de despesa, que quase duplicou. É necessário, em face disto, que os camaradas e simpatizantes que habitualmente nos leem aumentem as suas contribuições e que aqueles que ainda não contribuem se apressem a trazer-nos o seu auxílio mensalente.

Abraçamos a todos e vos damos o último adeus, com a alma despedaçada, mas cheia de amor.

Sacco e Vanzetti